

Senhor da Pedra

1916

tudante, só o de Coimbra. Verdaderamente professor, só o de Coimbra.....

E conclui:

A Universidade de Coimbra é o nosso primeiro estabelecimento científico—primeiro em tradição, primeiro em prestígio, primeiro em grandeza. É a nossa única universidade. Os palácios do ministro das finanças vieram confundir-se aqui havíamos anunciado e tem fé de prever que se darão.

Impostos de guerra

Dia a «Opinião»:

Depois do que acerca dos sacrifícios disse, no Congresso, segunda feira, o sr. dr. Alfonso Costa, não pode haver a menor dúvida—o governo precisa em lançar impostos de guerra. As palavras do ministro das finanças vieram confundir-se aqui havíamos anunciado e tem fé de prever que se darão.

Mais abaixo diz também o mesmo artigo:

Os sacrifícios daqueles que vão para a guerra, tem de corresponder o sacrificio momentaneo dos outros. Foi, por outras palavras, o que, com outras palavras, disse o sr. dr. Alfonso Costa, M. J.

O homem e a mulher

O homem é a mais elevada das criaturas. A mulher o mais sublime dos ideis.

Deus construiu um trono para o homem e um altar para a mulher. O trono exalta, o altar santifica.

O homem é o genio, a mulher é o anjo. O genio é indefinivel, o anjo é infinito; adorna-se o ideal.

O homem é capaz de todos os heroismos; a mulher, capaz de todos os martirios. O heroismo nobilissimo, o martirio sublimissimo.

O homem é o ródigo, a mulher é um evangelho. O código civil; o evangelho a perfeição.

O homem é o templo, a mulher o sacrário. Ante o templo, todas se desdobram; no sacrário todos se ajoelham.

O homem é a agulha que vê, a mulher o roxolão que cega. Vou—é dommar o espaço; cegar—é subjugar a terra.

O homem tem diante de si

O Autonomico

AZULEJOS

XII Senhor da Pedra

No atrio do pretorio a soldadesca, ebria de furia selvagem, sedenta de sangue e de carnificina, aguardava a passagem do Justo.

Ja sobre a meia columna dos condemnados Jesus abandonara, resignadamente, o corpo para o martirio da flagelação. E das feridas, fundas como sulcos, que o azorrague abria, um sangue quente gotejava numa lentidão dolorosa. Mas um soldado mais possante, a cara bronzada e dura, o olhar excitado de vingança, viera brandir com mais raiva o apito maldito.

E todo o corpo de Jesus era um farrapo de carne. De pé, Pilatos olhava impassivel na sua expressão fria e parada de sceptico. A um signal seu diligaram-se as mãos acinzentadas, que nunca se fiavam erguidas para uma benção; e foram lhe ampuando na parede, esverdeada e humida, com o sangue do martir a legenda do seu crime: Ave Rex Judeorum!

Mas já no atrio do pretorio, sobre a pedra ironica do seu throno, Jesus tinha os olhos baixos; e uma infirma tristezza, emquanto a soldadesca, ebria de furia selvagem, sedenta de sangue e de carnificina, ia escarando e rindo a grandeza incomprehendida do Justo.

Agosto de 1916.

V. de C.

Um furo! a Consciência; a mulher tem uma estrella; a Esperança que salva.

Enfim o homem encontra-se onde termina a terra; a mulher achava onde principia o céu.

CRONICA

Sem atavios de Puccini e de outras rendas, dá a parca a nos leitores esta chronica, erguendo o guardião burguez, procurando sair e malgrado o sol que nos escaldava a relva.

Não d'estas dias calmosas, a hora tranquilla do entardecer, quando a loucura das ondas nos conduza a aprender as leituras sentadas e a brincar, convocando o pensamento, a procura de assumpção para engendrar esta chronica.

Com o olhar cheio das incertezas d'um diazão que ninguém alheio, diverte a esta cronica a dos ecos estranhos e indizíveis tristes.

Nossas esperanças como que escurecem, derramando lagrimas de dor!

pareceram-lhe um manto vermelho. As mãos atadas e invencidas estavam ainda a corda que as ligava a columna. Na cabeça, onde em suor da febre empastava os cabellos longos, cravaram-lhe uma corda de espinhos. E, para que nada de completo faltasse ao esgarço daquella ironia, nas mãos lhe collocaram uma cana para fingir de sceptico.

Malta em mesuras de farça, os soldados vinham galhofeiros prostrar-se perante Elle, para lhe gritarem, num riso diabolico a zombaria da sua adoração: Ave, Rex Judeorum! No ruido confuso de tantas vozes

as bofetadas soavam seccas e os escarros choviam sobre a face macilenta de Jesus. Alguns mais barbaes batiam-lhe com uma cana na cabeça para que os espinhos penetrassem fundo; outros agonia maior, e um mais letrado ia escrevendo na parede, esverdeada e humida, com o sangue do martir a legenda do seu crime: Ave Rex Judeorum!

Mas no atrio do pretorio, sobre a pedra ironica do seu throno, Jesus tinha os olhos baixos; e uma infirma tristezza, emquanto a soldadesca, ebria de furia selvagem, sedenta de sangue e de carnificina, ia escarando e rindo a grandeza incomprehendida do Justo.

Agosto de 1916.

EM POUCAS LINHAS

Impressões da occação. Estamos na véspera do Senhor da Pedra, e não festa tão querida e tão popular, que ainda hoje, no meio da grande lucta pela vida e dos amargos dissabores de todos os dias, nos proporcionamos horas de solidificação amosa de alegria, por nós trazer a memoria recordações agradaveis da infancia. Jesus, quando bello, sem egualidade inçada de rousse...

Sim, ainda hoje, apesar dos annos que corremos e dos cuidados que temos, dos senos que se desfolham e das flaccidões que se perduram, essa festa sympathica e fraternal, como que dilata regozos as nossas tristezas e amarguras. So presente, levamos em espirito ao Passado, e ali, n'esse regozinho distante, onde ha muito que apreciar e aprender, faz passar pela nossa mente a grande fé que então a precedia e acompanhava até ao fim; o entusiasmo que prosalva aos espantos das philarmônicas e aos preparativos do arraiá, os grandes risinhos de surtos, das variedades circumstantias, a entrarem na Villa, no abbado, de manhã cedo, balançando e cantando, alegres, risonhos e folgados, ao toque da harmoniosa, violas e rabecas; o aspecto festivo e quantalador durante todo aquelle dia, e as noites que se lhe seguiu a massa compacta de povo adrecober-se e a curar os joelhos, reverente e respeitosa, a adoração do Senhor da sua Capella para a Matriz; as doce compansões de nossa mãe e de nosso pai que nos apontavam, com os olhos marejados de lagrimas, e ensinando nos uma primeira imagem veneranda de Christo que passava, sentada em uma pedra, coberto com um farrapo de purpura e coroado de espinhos, precidida de numerosos e edicacões curtos, que se viam as pessoas mais fidalgas d'estas terras depois d'isto, a iluminação profusa e variada, a musica logo d'artificio, preso e de ar as encaminhações solidadas por os contatos de boccos, o apreço dos confetes, os descantos

Transcrição

AZULEJOS

XII

Senhor da Pedra

No atrio do pretorio a soldadesca, ebria de furia selvagem, sedenta de sangue e de carnificina, aguardava a passagem do Justo.

Ja sobre a meia columna dos condemnados Jesus abandonara, resignadamente, o corpo para o martirio da flagelação. E das feridas, fundas como sulcos, que o azorrague abria, um sangue quente gotejava numa lentidão dolorosa. Mas um soldado mais possante, a cara bronzada e dura, o olhar excitado de vingança, viera brandir com mais raiva o apito maldito.

E todo o corpo de Jesus era um farrapo de carne.

De pé, Pilatos olhava impassivel na sua expressão fria e parada de sceptico. A um signal seu diligaram as mãos purissimas, que apenas se tinham erguido para uma benção carinhosa de perdão e de cura, e foram-lhe amparando o corpo desfalecido, onde a tunica se ensopava agora no sangue das grandes feridas.

Mas já no atrio do pretorio a soldadesca, ebria de furia selvagem, sedenta de sangue e de carnificina, aguardava a passagem do Justo. E, mal Jesus transpoz o pequeno corredor d'aboboda, logo a cohorte ululou de prazer na posse da sua victima.

Mãos grosseiras e apressadas O despiram com violencia. Sobre os hombros, vergados pelo peso da tragedia imensa, puseram-lhe um manto vermelho. As mãos atadas e imoveis traziam ainda a corda que as ligava a columna. Na cabeça, onde um suor de febre empastava os cabellos longos, cravaram-lhe uma corça de espinhos. E, para que nada de coploeto faltasse ao escarneo daquella ironia, nas mãos lhe collocaram uma cana para fingir de sceptico.

Então, em mesuras de farça, os soldados vinham galhofeiros prostrar-se perante Elle, para lhe gritarem, num riso diabolico, a zombaria da sua adoração: Ave, Rex Judeorum! No ruido confuso de tantas vozes as bofetadas soavam seccas e os escarros choviam sobre a face macilenta de Jesus. Alguns mais barbaes batiam-lhe com uma cana na cabeça para que os espinhos penetrassem fundo numa agonia maior, e um mais letrado ia escrevendo na parede, esverdeada e humida, com o sangue do martir a legenda do seu crime: Ave Rex Judeorum! Mas no atrio do pretorio, sobre a pedra ironica do seu throno, Jesus tinha os olhos baixos, e uma infinita tristeza, na calma resignação dos innocentes, emquanto a soldadesca, ebria de furia selvagem, sedenta de sangue e de carnificina, ia escarando e rindo a grandeza incomprehendida do Justo.

Agosto de 1916.

V. de C.

MODERN!SMO

Arquivo Virtual da Geração de *Orpheu*

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.